

Conclusão

Estados de Violência

“É a distinção da guerra e da paz, como a do interior e do exterior, do público e do privado, do Estado e da sociedade, do político e do econômico, do nacional e do internacional, do transnacional e do supranacional, que perdem uma grande parte de seu sentido.”

P. HASSNER, *Guerras e sociedades*

A guerra “pública e justa”, caos de forças submetido às estruturas da ética, do político e do jurídico, sob nossos olhos se desfaz. Estados de violência inéditos se desenham cujas linhas de força restam para descobrir, descrever, conceituar. Depois de Platão, Hobbes, Hegel, Nietzsche, a violência coletiva e armada não tem mais a mesma face.

A guerra, na longa história dos homens, terá tido seus atores e suas cenas, seus heróis e seus espaços, seus personagens e seus teatros. Diversidade incrível das fardas, dos costumes, enfeites, armaduras, equipamentos. Multiplicidade dos terrenos: barro espesso ou poeira asfíxiante, brejos viscosos, desfiladeiros rochosos, prados gordurentos ou planícies sombrias, colinas acidentadas, montanhas dentadas, muros grossos das cidades fortificadas, portões e fossos profundos. Sem mesmo falar das táticas de combate, da evolução técnica das armas. Mas o que malgrado tudo ficaria e basearia a distinção entre guerras maiores e menores, grandes e pequenas, verdadeiras e degradadas, era essa forma pura de dois exércitos engajando forças representando entidades políticas identificáveis, afrontando-se em batalhas decisivas, terrestres ou marítimas, que os colocavam em contato com seu

princípio de encerramento: vitória ou derrota. É ainda possível essa forma pura de guerra, depois que as grandes e principais potências dispõem da arma absoluta (o fogo nuclear), depois ainda que um só possui uma superioridade arrasadora das forças clássicas de destruição, tecnologias de reconhecimento, técnicas de fundição de precisão, depois enfim que as democracias desenvolveram uma cultura da negociação, da arbitragem em que o recurso à força nua é dado como inadequado, selvagem, contraproducente? Imagina-se que no futuro ainda grandes potências mobilizem o conjunto de suas forças vivas para se medirem?

Na trama visível, dilacerada das grandes violências contemporâneas, reconhecem-se apenas a paisagem cultural da guerra, as nervuras de sua representação dominante. Não se veem mais, e tanto melhor, colunas de soldados em centenas de milhares chegando ao futuro campo de batalha, dispendo-se em ordem para a batalha decisiva. Não se espera mais com um entusiasmo ansioso a sanção das armas: duração da batalha, data da vitória ou da derrota. Em seu lugar surgem estes tempões da pura rasgadura do ato terrorista no espaço público de grandes centros urbanos, do cálculo matemático de uma trajetória de míssil por ocasião dos conflitos *high-tech* ou do marasmo indefinido das guerras civis em Estados arrasados. O persegonagem da guerra, segundo o dispositivo convencional, é antes de tudo o soldado fardado, apto e autorizado a portar e utilizar armas, pertencente a um regimento. Ele obedecia a um oficial superior, que em companhia de seus pares definia uma tática, um alvo militar, um plano de batalha, em conformidade com um objetivo fixado do alto por um dirigente político. Os estados de violência fazem aparecer uma multiplicidade de figuras novas: o terrorista, o chefe de facções, o mercenário, o soldado profissional, o engenheiro de informática, o responsável da segurança etc. Não exército disciplinado, mas redes dispersas, concorrentes, profissionais da violência. Mudanças ainda no nível do teatro dos conflitos. Para a guerra: uma planície, espaços largos, às vezes colinas ou rios, em todo caso campanhas (para não levar em conta aqui guerras de cerco). E depois vem o espetáculo desolador após a batalha: os inimigos como que abraçados na morte, corpos juncando o solo, fardas rasgadas, manchas de sangue. Um grande silêncio

depois de tantos gritos e de vaias. O novo teatro é hoje a cidade. Não a cidade fortificada, por trás da qual se entrincheira, mas a cidade viva de transeuntes. A dos espaços públicos: mercados, garagens, terraços de café, metrô... A das ruas que francos atiradores isolados transformam em teatro de feira para divertimentos atrozos. Em lugar das grandes colunas de soldados que avançam com passo cadenciado e cruzam com civis em êxodo para o interior das terras, *ver-se-ão*, atravancando as estradas, hordas de refugiados carregando pequenas bagagens, fugindo do caos para campos de reagrupamento além das fronteiras. Em lugar do campo de batalha desolado em que os inimigos se misturavam na morte como para uma última comunhão, encontram-se carneiras de civis massacrados às pressas.

Tempos e espaços, personagens e cadáveres. Aqui se trata apenas do regime de imagens da violência armada que se acha transformado. A aposta filosófica seria dizer que acontece outra coisa, e não a guerra, que se poderia chamar provisoriamente de “estados de violência”, porque eles se oporiam ao que os clássicos tinham definido como “estado de guerra” e também como “estado de natureza”. Conceito por provisão, que se sustenta pela ficção filosófica de um fim da guerra, o estado de violência conhece princípios específicos de estruturação: princípios de estouro estratégico, de dispersão geográfica, de perpetuação indefinida, de incriminação, que todos se opõem ao estado de guerra.

A guerra era pública e centralizada. Ela se organizava segundo estruturas hierarquizadas e piramidais de comando. Os estados atuais de violência parecem relativamente anárquicos e privatizados. Age-se por pequenos grupos que podem ser atomizados e aproveitar uma situação de enfraquecimento estatal para roubar recursos ou bem por redes ultrassecretas internacionais, como os grupinhos terroristas, sem que haja verdadeiramente um comando central cujas senhas se esperaríamos, ou ainda se age por reagrupamentos étnicos, religiosos, descartando as identidades cidadãs públicas. Estouro estratégico.

A guerra funcionava por concentração geográfica da violência armada. Ela definia campos de batalha onde se reuniam as tropas para um afrontamento maior. Ela fazia muitas vezes uma separação entre um circuito de

